



RIBALTAS E GAMBIARRAS – revista semanal, dedicada essencialmente ao teatro e à literatura, foi publicada em Lisboa por **Henrique Zeferino de Albuquerque (1842-1925)**, livreiro e editor¹, seu “gerente” e colaborador literário ocasional, tendo por redatora **Guiomar [Delfina de Noronha] Torresão (1844-1918)**² — mencionada no cabeçalho, até ao nº 10 (de 26 de Fevereiro de 1881) como Delfim de Noronha, redator (pseudónimo com que, entre outros, assinaria diversa colaboração nesta e noutras revistas), e passando no número seguinte a indicar a identidade própria.

Ribaltas e Gambiarras saiu a público entre 1 de Janeiro e 30 de Outubro de 1881, num total de 45 números (41 “regulares” ao domingo e 4 “extraordinários”³, todos numerados sequencialmente), divididos em duas séries⁴. Cada “fascículo” tinha invariavelmente oito páginas⁵, compostas a duas colunas⁶, vendendo-se «em todos os teatros» de Lisboa e na Livraria Zeferino onde estava sediada (Rua dos Fanqueiros, n.º 87) ao preço unitário de 20 réis ou, pela assinatura de 25 números, a 500 réis. No Rio de Janeiro, onde era possível fazer assinatura na casa dos Srs. Sousa Teixeira e Morais Calabre (Rua dos Ourives, n.º 95), os mesmos 25 números custariam 2\$000 réis.

A impressão desta revista repartiu-se pelas Tipografia de Cristóvão A. Rodrigues⁷ (do n.º 1 ao n.º 42, de 24 de Setembro), Tipografia Verde⁸ (os números 43 e 44, de 8 e 16 de Outubro) e Adolphe & Modesto, Tipografia e Litografia Portuguesa⁹ (para o n.º 45, final). Podemos supor que esta mudança de oficinas tenha sido, talvez, provocada pela introdução de ilustração no corpo da revista. A *Ribaltas e Gambiarras* foi um periódico exclusivamente de texto até ao número 37, de 20 de Agosto¹⁰. Neste exemplar, a direção decidiu introduzir o «grande melhoramento» da ilustração, através de gravuras de «homens ilustres de Portugal e Brasil» a cargo do «eminente gravador

¹ Henrique Zeferino de Albuquerque era proprietário da Livraria Zeferino, na Rua dos Fanqueiros, nº 87, em Lisboa, tendo vindo a editar um *Dicionário Português Ilustrado*, segundo o modelo Larousse.

² Jornalista e romancista, colaborou em várias publicações com nome próprio e sob pseudónimo; fundou em 1871 o *Almanaque das Senhoras* (1871-1928), que dirigiu por longos anos.

³ Os números 9 (24 de Fevereiro), 12 (9 de Março), 15 (23 de Março) e 20 (21 de Abril).

⁴ A 1ª série até ao nº 26 (de 29 de Maio), a 2ª a partir do nº 27 (de 5 de Junho).

⁵ A numeração das páginas ao longo do título foi sequencial. Contudo, a partir do n.º 43 (8 de Outubro) o número das páginas passou a sair truncado com uma diferença de 100 — a primeira página desse número está indicada como a 237, quando na realidade corresponde à 337. Assim, o total de páginas dos 45 números não é de 262, mas sim de 362.

⁶ A imposição dos textos nas páginas foi muito precária ao longo desta publicação: em muitos números o texto era descontínuo entre páginas através de uma quadrícula que as dividia em dois grupos de duas colunas, sem continuidade entre si, tornando tortuosa a leitura fluída ou mesmo a compreensão da sequência do mesmo texto entre páginas diversas...

⁷ Sediada na Rua do Norte, n.º 145, 1º (até ao n.º 34, de 24 de Julho) e, depois, na mesma rua, no n.º 104, 2º (a partir do n.º 35, de 31 de Julho).

⁸ Rua Nova dos Mártires, n.º 10.

⁹ Calçada do Tijolo, n.º 39 (à Rua Formosa).

¹⁰ Uma única exceção até aí: o número 17, de 2 de Abril, trazia uma gravura a meio da página 136, ilustrando um anúncio a um “Centro Comercial”.

espanhol o Sr. D. José Severini»¹¹ — inovação que prosseguiria em todos os números subsequentes. Por essa mesma altura, a impressora donde saía este título estragou-se¹². Este concurso de fatores pode ter ditado a mudança para a Tipografia Verde, ao n.º 43, embora o prejuízo tenha sido maior que os benefícios: pese embora a nova utilização de letra de fantasia nas capitais de título, não só se mantiveram problemas antigos na imposição do texto¹³, como a partir desse exemplar a numeração de páginas passou a sair truncada¹⁴ e, mais ainda, ao número seguinte o texto saiu pejado de gralhas e da gravura, «devida ao hábil buril de Pastor, fez a tipografia uma bela máscara!»¹⁵

Plano editorial, organização de conteúdos e colaboradores

Ribaltas e Gambiarras apresentou-se sem programa editorial e, ainda que concedendo uma especial atenção à atividade teatral, sem vínculo exclusivo com a temática que parecia enunciada no título¹⁶.

«Decididamente, não fazemos programa!

O programa é uma inutilidade, por isso que não passa as mais das vezes de uma mentira.

[...]

O título do nosso hebdomadário, que se propõe tocar em todos os assuntos e refletir todas as cambiantes da existência lisbonense, não designa exclusivamente, como poderá parecer à primeira vista, as *ribaltas* dos palcos cénicos e as *gambiarras* dos bastidores.

Refere-se igualmente ao grande teatro da vida [...].»¹⁷

Já avançada a sua publicação, apresentar-se-á mesmo como «revista semanal, crítica, científica e humorística»¹⁸. Era pois uma revista de generalidades, com forte incidência nas áreas teatral e literária, o que é visível na grelha fixa de rúbricas (mais ou menos regulares) em que se organizaram os seus conteúdos:

- “**Crónica Alegre**”, rúbrica de abertura em quase todos os números (até ao 36, de 7 de Agosto, e a partir desse mantendo muita frequência, embora sem honras de abertura), por **Delfim de Noronha / Guiomar Torresão**, de temática variada e genérica;

¹¹ V. n.º 36, de 7 de Agosto, p. 281.

¹² V. n.º 37, de 20 de Agosto, p. 295.

¹³ Vide *supra* nota 6.

¹⁴ Vide *supra* nota 5.

¹⁵ Veja-se a extensa errata no n.º 45, de 30 de Outubro, p. [355].

¹⁶ Do *Diccionario do Theatro Portuguez*, de Sousa Bastos, 1908: «**Ribalta** — É o nome que, de preferência ao de *rampa*, se dá em Portugal aos renques de luzes que, de um lado e outro da caixa do ponto, iluminam a cena [...]» [p. 128]; e «**Gambiarras** — Aparelhos de iluminação que estão colocados na parte superior do palco para dar luz à cena. Há uma *gambiarra* em cada plano, a toda a largura da cena, contendo um renque de luzes, e suspensa como os panos de fundo e rompimentos pelas respetivas cordas que atam no urdimento. Para evitar que a luz das *gambiarras* incendeie os panos, são, por ordem da polícia, todas cobertas com largas redes de arama.» [pp. 69-70].

¹⁷ “Crónica alegre”, por Delfim de Noronha (i. e., Guiomar Torresão), n.º 1, 1 de Janeiro, p. 1.

¹⁸ Anúncio no n.º 37, de 20 de Agosto, p. 296.

- **“Através do binóculo”** (permanente), crónica/crítica teatral, sobre os teatros e espetáculos de palco em Lisboa, esteve a cargo de **Guiomar Torresão**, quer em nome próprio, quer através dos pseudónimos **Delfim de Noronha e Gabriel Cláudio**;
- **“Rumores dos palcos”** (permanente), notícias breves ou apontamentos sobre os bastidores da atividade teatral, não assinada;
- **“Teatro Estrangeiro”** (apenas nos três primeiros números, e nos números 24 e 26, embora complementada por textos avulsos sem enquadramento de rúbrica), sobre novidades teatrais fora do país, nela colaborou **Guilherme de Azevedo (1839-1882)**;
- **“Bibliografia”** (permanente), secção de informação e crítica bibliográfica, às vezes complementada por **“Livros Novos”**, não assinada;
- **“Modas, crónica parisiense”** (irregular), pela **“Condessa de Luc D’Estrelles”**¹⁹, dedicada às novidades da moda parisiense.
- **“Maravilhas da Indústria”** (apenas nos dois primeiros números), sobre novidades técnicas e tecnológicas, não assinada;
- **“Indicações Úteis”** (irregular), pequenas informações de utilidade geral, alternando com secções de **“Higiene”**, **“Economia Doméstica”**, **“Saúde”** ou **“Culinária”**, não assinada;
- **“A Carteira de Proudhon”** (muito frequente), não assinada, de crónica social, costumes e “chalaças”;
- **“Cariátides: escorços dramáticos”** e **“Bustos: escorços líricos”** (muito frequentes a partir do n.º 26), ambos por **Thalia**;
- **“Perfis contemporâneos”**, **“Perfis literários”**, **“Perfis líricos”**, **“Perfis científicos”** e **“Perfis políticos”**, secções frequentes de evocação de grandes vultos das diversas áreas designadas, onde colaboraram **Guiomar Torresão**, **Alice Moderno (1867-1946)** — sob pseudónimo de **Dominó Preto** — e **A. Cardoso de Meneses**, e onde se transcreveram textos de **Ramalho Ortigão** e **Eça de Queirós**;
- **“Carteira de um fantasista”** e **“Carteira de um farsista”** (permanentes), ambas secções dedicadas à poesia, ora de “fantasia” ora de “farsa”, onde se publicaram versos de **Guiomar Torresão (Delfim de Noronha)**, **José Simões Dias (1844-1899)**, **António de Macedo Papança (1852-1913)**, **Marcelino Mesquita (1856-1919)**, o “gerente” **Henrique Zeferino de Albuquerque** (em nome próprio ou com o pseudónimo de **A./Ângelo Pitou**), **Ernesto Rebelo (1842-1890)**, **Cândido de Figueiredo (1846-1925)**, **Amélia Janny (1841-1914)**, **Luís Gonçalves de Freitas (1859-1904)**, **Sérgio de Castro (1851-1929)**, **João de Deus (1830-1896)**, **Guerra Junqueiro** e **Gomes Leal**;
- **“Folhetim”**, secção permanente (a partir do n.º 31 passaram a publicar-se dois folhetins por número), onde colaboraram **Guilherme de Azevedo**, **Guiomar Torresão**, **Amélia Janny**, **Fialho de Almeida (1857-1911)** (sob pseudónimo de **Valentim Demónio**) e **Júlio Lourenço Pinto (1842-1907)**, entre outros textos nacionais e estrangeiros aí publicados;
- **“Álbum enigmático: charada”**, secção charadística iniciada por **Mateus Peres** ao n.º 38, e que rapidamente atraiu a contribuição de leitores (que eram premiados);
- **“Secção de anúncios”** (permanente), a preencher a página final de cada número;

¹⁹ “Mademoiselle de Luc D’Estrelles” é uma personagem do romance de Octave Feuillet, *Monsieur de Camors* (1867).

- e, a mais importante secção que este periódico legou, “**Questão literária**”, onde, entre 15 de Janeiro (n.º 3) e 9 de Abril (n.º 18), se verteu em 11 “capítulos”²⁰ a que ficaria conhecida como “**Modelo de Polémica Portuguesa**”²¹ entre **Alexandre da Conceição (1842-1889)** (cujos textos n’O *Século* eram aqui integralmente transcritos) e **Camilo Castelo Branco (1825-1890)**, que nas *Ribaltas e Gambiarras* lhe respondia, a propósito dos romances *Eusébio Macário* e *A Corja* deste último autor. Esta polémica, de que participaram também **Júlio de Matos (1857-1923)**, **Guiomar Torresão**, **Silva Pinto (1848-1911)**, **Sofia Amélia** e **Henrique da Cunha**, rendeu números “extraordinários” a ela dedicados, especificamente com vista à publicação das respostas de Camilo²².

Colaborações dispersas, não enquadradas em “secções”, foram ainda devidas a **Guilherme de Azevedo**, **João de Deus**, **Fialho de Almeida**, **Visconde de Benalcanfor (1830-1889)**, **Júlio César Machado (1835-1890)**, **Sousa Bastos (1844-1911)** e **Gervásio Lobato (1850-1895)**²³.

Apesar do êxito inicial (os números 1, 3 e 5 esgotaram, fazendo-se deles 2ª e 3ª tiragens)²⁴ e da prestigiosa colaboração obtida, *Ribaltas e Gambiarras* terminou antes de completar um ano de publicação, sem aviso nem despedida.

Por Pedro Teixeira Mesquita
Lisboa, HML, 26 de Março de 2013.

²⁰ Aos números 3, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17 e 18.

²¹ Sirva de resumo o verbete de Alexandre Cabral no *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, 1989, p. 420: «A origem da polémica de 1881 entre Camilo Castelo Branco e Alexandre da Conceição, que em 1886 o romancista apelidaria de Modelo de Polémica Portuguesa, está na edição do *Eusébio Macário* e *A Corja*. Na verdade, porém, os “romances facetos” foram o pretexto para o truculento confronto entre duas posições ideológicas antagónicas: a defesa do realismo (que significava a defesa do republicanismo, da emancipação da mulher, da instrução generalizada — da implementação em Portugal, em suma, das ideias modernas, já imperantes na Europa), representada pelo Eng.º Alexandre da Conceição, e a dos adversários, paladinos da tradição, da monarquia e dos conceitos ancilosados do passado, representada no litígio pelo escritor Camilo Castelo Branco. Breve, a contenda transitou do domínio literário para o das ofensas e injúrias pessoais. Aquilo que podia ter sido um salutar debate de ideias transformou-se rapidamente numa lamentável briga de rufiões, epíteto de que nenhum dos contendores se isentou. O “estilo” usado patenteia-se em dois exemplos: Alexandre da Conceição: “Vamos [...] a ver se amaciamos os lombos hirsutos deste javardo espumante, fugido bacorinho das estrumeiras lisbonenses para os matagais da Samardã, onde se cevou. Não caluniemos a Samardã.” Camilo Castelo Branco: “Ah! Eu peço vénia ao Sr. Conceição para o capitular de besta; mas quer-me parecer que me corre mais restrito dever de pedir licença às bestas para lhes chamar Conceições.” [...]»

Para a transcrição completa da polémica, v. Camilo Castelo Branco, *Polémicas de Camilo*, ed. de Alexandre Cabral, vol. 8, 1982.

Note-se, a título de curiosidade, que nem numa nem noutra das publicações acima mencionadas os textos de Camilo são citados por Alexandre Cabral em 1ª mão, por não ter tido este acesso a coleção completa das *Ribaltas e Gambiarras*, como a que aqui apresenta a Hemeroteca de Lisboa.

²² Os números 9, 12 e 15.

²³ De quem não se chegou a publicar um “Folhetim” prometido e publicitado (v. n.º 31, de 3 de Julho, p. 246).

²⁴ V. n.º 6, 5 de Fevereiro, p. 47.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. (Estudos).

BASTOS, Sousa – *Diccionario do Theatro Portuguez*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1908.

CABRAL, Alexandre – *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

CASTELO BRANCO, Camilo – *Polémicas de Camilo*, ed. integral, recolha, prefácio e notas de Alexandre Cabral, vol. VIII. [Lisboa]: Livros Horizonte, 1982. (Obras de Alexandre Cabral, 16).

Dicionário cronológico de autores portugueses. org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coord. Eugénio Lisboa. Vols. II e III. Mem Martins: Publicações Europa-América, [1990-1994].

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.

Jornais e revistas portuguesas do século XIX. coord. e org. Gina Guedes Rafael e Manuela Santos. 2 vols. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998-2002. (Bibliografias).